

Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

AS MÚSICAS SERTANEJAS MAIS TOCADAS: QUE IDENTIDADES DE GÊNEROS REPRODUZEM?

Letícia Tozzo da Silva, graduanda em pedagogia, Unespar-Campo Mourão, letitozzo@gmail.com.
Fabiane Freire França, Doutora em Educação, Unespar-Campo Mourão,
prof.fabianefreire@gmail.com

RESUMO: Tendo em vista as inúmeras discussões sobre as teorias de gênero presentes na atualidade, são comumente praticados discursos estereotipados com representações patriarcais do século XX. Para tanto, a presente pesquisa tem como objetivo compreender as representações de homens e mulheres veiculadas pelas músicas sertanejas mais tocadas nas rádios do noroeste do estado do Paraná que passam despercebidos aos nossos ouvidos. Nossa inquietação com esse assunto se deu diante da forma de tratamento e representação das identidades de gênero que esse estilo musical aborda. As músicas reverberam identidades binárias de homens e mulheres ancoradas nos discursos biológicos e patriarcais. Deste modo buscamos as fontes que mais disseminam essas músicas, dentre elas, selecionamos a rádio, foram produzidas categorias de análise para elucidação das representações encontradas. Utilizamos como lente de análise o referencial teórico e metodológico dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero.

Palavras-chave: Educação; Música Sertaneja; Gênero; Representações Sociais.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista as inúmeras discussões sobre as teorias de gênero que se fazem presentes nesse século, ora buscando compreendê-las, ora buscando mantê-las de acordo com representações patriarcais dos séculos XIX e XX, a presente pesquisa busca compreender as representações de homens e mulheres veiculadas pelas músicas sertanejas mais tocadas nas rádios do noroeste do estado do Paraná.

Nossa inquietação com esse assunto se deu diante da forma de tratamento e representação das identidades de gênero que esse estilo musical aborda. As músicas reverberam identidades binárias de homens e mulheres ancoradas nos discursos biológicos e patriarcais, a fim de enquadrar os sujeitos em determinados “lugares” sociais considerados corretos à reprodução de seus respectivos papéis. A fim de colocar a mulher, na maior parte das vezes papel de submissão que recolhe a forma de e não pode expressar sua sexualidade, sendo orientada a ser tímida, dócil, passiva e dependente do homem. Esse, por sua vez, deve exercer sua sexualidade com virilidade, agressividade e total dominação a mulher

(BOURDIEU, 2003). Em contrapartida há músicas, geralmente de autoria e/ou voz feminina, que refutam esses papéis e apresentam outras possibilidades indentitárias a homens e mulheres.

É válido destacar que esse estilo musical, assim como outros, está diretamente ligado à educação de como homens e mulheres devem “ser” e “estar” na sociedade. Como expõe Machado (2007) a mídia institui realidades quando propõe normas e valores voltados à configuração de sexo-sexualidade.

Na sequência apresentaremos os percursos metodológicos da pesquisa, a seleção das fontes e das músicas e suas representações de gênero. Desse modo, buscamos as fontes que mais disseminam essas músicas, dentre elas selecionamos as rádios. Fizemos o levantamento das músicas mais tocadas no Brasil para averiguar se condizem com a região investigada.

Utilizamos como lentes de análise o referencial teórico metodológico dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero para a elaboração das análises. Foram produzidas categorias de análise para elucidação das representações encontradas. Por fim, apresentamos algumas considerações sobre a pesquisa.

METODOLOGIA DA PESQUISA: CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Para atender ao objetivo geral da pesquisa: investigar de que modo às representações sociais de gênero são produzidas por músicas sertanejas atuais no noroeste do estado do Paraná, e quais seus impactos na formação dos sujeitos, foi necessário mapear o impacto das músicas sertanejas mais ouvidas pela população nacional e verificar se essas músicas coadunam com a preferência do público do noroeste do estado do Paraná, um dos objetivos específicos da pesquisa. Para tanto, foi realizada uma busca na *Internet* sobre o *ranking* das músicas mais tocadas nessa região. Encontramos como principal fonte de acesso o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), uma instituição privada sem fins lucrativos, instituída pela lei 5.988/73 e mantida pela Lei Federal 9.610/98 e 12.853/13¹ que tem por objetivo:

Centralizar a arrecadação e distribuição dos direitos autorais de execução pública musical. Com gestão profissionalizada e premiada, a instituição é considerada referência na área em que atua e dispõe de um dos mais

¹ Disponível em <http://www.ecad.org.br/pt/Paginas/default.aspx>

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

avancados modelos de arrecadação e distribuição de direitos autorais de execução pública musical do mundo (ECAD, 2015, p. 01).

Dentre as informações emitidas pela instituição há a divulgação do *ranking* das músicas mais executadas nas rádios AM e FM, casas de festas, casas de diversão, *shows*, carnaval, diversos, em ambientes com música ao vivo, dentre outros espaços em todo o território nacional durante os anos de 2005 a 2014. Destacamos para análise a categoria rádio², por ser um meio de difusão sonora bastante utilizada cotidianamente em diversos ambientes: casas, lojas, supermercados, automóveis, ruas e até mesmo em algumas escolas nos seus horários de intervalos. Elegemos o recorte temporal de 2014 considerando os objetivos específicos da pesquisa que se refere à compreensão das representações sociais de gênero e sexualidade em músicas sertanejas na atualidade. O quadro a seguir sintetiza essas informações.

Quadro 1: Rankin das músicas mais tocadas pelas rádios AM e FM no território Nacional (2014)

Ranking	Título da obra musical	Referência autoral
1	Mozão	Lucas Lucco/Wilibaldo Neto
2	Fui fiel	Fabio O'Brian/Pablo/Magno Santana/Filipe Escandurras
3	Cê topa	Dudu Borges/Luan Santana/Caco Nogueira/Douglas Cezar
4	Happy	Pharrell
5	Zen	Umberto Tavares/Jefferson Junior/Anitta
6	Na linha do tempo	Sérgio Porto/Marcelo
7	Royals	Joel Little/Lorde

²Compreendemos esta categoria no contexto apresentado por Ferraretto (2007, p. 4) que considera o rádio “como aparato técnico para a transmissão de mensagens sonoras, entre dois pontos e a distância, por meio de ondas eletromagnéticas, qualificam-se como tal as introduções no cenário comunicacional de novas tecnologias ou as alterações no uso das já existentes, a saber: (a) o reposicionamento do próprio rádio como comunicação a grandes audiências – um ponto de emissão para vários de recepção – e com objetivos empresariais; (b) a televisão e a irradiação em frequência modulada; e (c) a *internet* e as tecnologias a ela associadas”.

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

8	Domingo de manhã	Bruno Caliman
9	Os dez mandamentos do amor	Dadá Di Moreno/Jeová de Carvalho
10	Hey brother	Fire Frank/Damien Adore/Avicii/Veronica Maggio/Ash Pournouri

Fonte: ECAD (2015).

Na página do ECAD (2015) constam as vinte músicas mais tocadas no país em diversos ambientes. Selecionamos as dez primeiras mais tocadas nas rádios FM e AM para averiguar a quantidade de músicas sertanejas e identificar se convergem com as músicas mais tocadas no sul no Brasil, especificamente na região investigada pela pesquisa. Das dez músicas mais tocadas nas rádios brasileiras, cinco são sertanejas. Esse dado evidencia uma preferência nacional por esse estilo musical na atualidade.

Na região sul, a última pesquisa realizada sobre as músicas mais tocadas nas rádios foi referente ao segundo semestre de 2014³. Das vinte músicas apresentadas pelo *site* destacamos as dez primeiras e selecionamos para a análise das letras o estilo de música sertaneja para identificarmos as representações de gênero.

Quadro 2: Rankin das músicas mais tocadas pelas rádios AM e FM - Região Sul. Distribuição realizada em outubro de 2014, referente às músicas executadas entre abril e junho do mesmo ano.

Ranking	Título da obra musical	Referência autoral
1	Cê topa	Dudu Borges/Luan Santana/Caco Nogueira/Douglas Cezar
2	Domingo de manhã	Bruno Caliman
3	Mozão	Lucas Lucco/Wilibaldo Neto
4	O tempo não apaga	Victor Chaves/Leo

³Disponível em <http://www.ecad.org.br/pt/eu-faco-musica/Ranking/SitePages/rankingFiltro.aspx?cld=40&rld=809>

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

5	Fui fiel	Fabio O'Brian/Pablo/Magno Santana/Filipe Escandurras
6	Maus bocados	Gerson Gabriel/Rafael/Bruno Varajão
7	Os dez mandamentos do amor	Dadá di Moreno/Jeová de Carvalho
8	Happy	Pharrell
9	Pega eu e leva pra você	Jairo Gois/Ivo Ramos
10	Quem é	Zezé Di Camargo/Paula Fernandes

Fonte: ECAD (2015).

Após a averiguação das músicas mais executadas nas rádios na região sul do Brasil, fizemos um recorte das músicas mais executadas nas rádios da região noroeste do estado do Paraná. Para isso utilizamos como fonte o *site* www.rádios.com.br que refere-se a uma ferramenta que apresenta as rádios mais ouvidas em cada região do Brasil e do mundo. Selecionamos a categoria Brasil, Paraná com o período de dezembro de 2014. Encontramos então uma lista das rádios mais acessadas no Paraná AM e FM. O *ranking* enumera os rádios em uma sequência do 1° ao 434° lugar.

Para a pesquisa selecionamos os rádios FM⁴ mais ouvidas na região noroeste do Paraná, recorte de nossa pesquisa. As rádios são descritas na sequência pela ordem apresentada pelo *site*:

- 49° Jovem Pan 101.3 FM de Maringá;
- 62° Todo dia 106.58 FM de Maringá;
- 68° Maringá FM 97.1 FM de Maringá;
- 82° Mix 97.9 FM de Maringá;
- 104° Tarobá 95.7 FM de Cascavel;
- 106° Melodia 99.3 FM de Maringá;
- 110° Massa 92.3 FM de Maringá;
- 152° Rádio T 98.5 FM de Campo Mourão;

⁴Não apareceu no *ranking* das regiões rádios AM, por isso o destaque às rádios FM.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

- 199 ° Terra 94.7 FM de Campo Mourão,

Dos rádios selecionadas acima, que referem-se à região investigada, percebemos semelhanças e diferenças do *ranking* encontrado no ECAD. Embora as músicas mais executadas no ECAD coincidam com as músicas mais executadas nas rádios da região investigada, diversas músicas não foram encontradas nas rádios paranaenses como as mais executadas, o que nos remete ao fato de que o ECAD faz uma averiguação das músicas mais executadas anualmente, enquanto as rádios paranaenses fazem um *ranking* semanalmente, ocorrendo alterações mais recorrentes referentes às músicas mais solicitadas pelos ouvintes.

Ao fazer esse levantamento de dados com o intuito de encontrar em cada rádio uma lista das músicas mais tocadas ou mais pedidas pelos ouvintes, percebemos que a rádio Jovem Pan (101.3 FM de Maringá) não toca músicas sertanejas. Já as rádios Todo dia (106.58 FM) e Melodia (99.3 FM do município de Maringá) só tocam música Gospel.

Das músicas selecionadas para a nossa pesquisa e encontradas no *ranking* do ECAD, somente a música “Os Dez Mandamentos do Amor” foi encontrada na listagem das músicas mais executadas pelas rádios Maringá FM (97.1 de Maringá), e Terra (94.7 FM de Campo Mourão). Nas demais rádios as músicas não foram encontradas. Na rádio Mix (97.9 FM de Maringá) não há listagem das músicas mais tocadas.

Sendo assim, com base nos dados levantados organizamos três categorias que expressam como são produzidas as representações sociais de gênero por músicas sertanejas atuais no noroeste do estado do Paraná e quais seus impactos na formação dos sujeitos: **1) Homem dominante versus mulher submissa; 2) A mulher como objeto do homem; 3) A mulher dona de si e o homem em conflito.**

A primeira categoria **Homem dominante versus mulher submissa** representa os discursos das músicas sertanejas que atribuem à mulher o papel de cuidadora, dócil, frágil e facilmente manipulada por seu dono, seja ele representado na figura do pai, namorado ou marido. São esses discursos que reverberam a dependência física, emocional e psicológica da mulher em relação ao homem. A formação da mulher estaria em um corpo “adequado a honrar os homens de quem ela depende ou aos quais está ligada, com um dever de recusa seletiva que acrescenta ao efeito de ‘consumo ostentatório’, o preço da exclusividade” (BOURDIEU, 2003, p. 40-41, grifo do autor).

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

De acordo com Louro (1997), essa categoria pauta-se na ideia de que homem e mulher são distintos biologicamente, no qual o homem é visto como o normal e a regra e a mulher é a diferente, a anormal. Além disso, o homem não pode fugir a essa regra de masculinidade para que não se torne o outro, o diferente. Nessa mesma direção, Rael (2003) evidencia as representações de menina sensível, doce e paciente presentes nos filmes infantis de Walt Disney. Com efeito, a mídia, seja por meio de filmes, desenhos ou músicas, (re) inventa os espaços atribuídos a homens e mulheres e a reprodução de seus respectivos papéis. Ao encontro desse pressuposto Giroux (2013) evidencia que a cultura da mídia em nossa sociedade é capaz de construir valores e normas reverberados como naturais no cotidiano.

[...] O papel da cultura da mídia, incluindo o poder dos meios de comunicação de massa, com seus massivos aparatos de representação e sua mediação do conhecimento, é central para compreender como a dinâmica do poder, do privilégio e do desejo social estrutura a vida cotidiana de uma sociedade. (GIROUX 2013, p.88)

A categoria **A mulher como objeto do homem**, pode ser analisada como expresso por Louro (1997) – apresentada como oposto do homem – em situação de submissão, uma vez que por ela ser vista como o complemento ao masculino ela pode ser manipulada e vista como o objeto de uso sexual a qual o homem necessita para seu prazer e procriação. Nesse sentido, "a mulher existe enquanto objeto do ver e o homem como portador do olhar, portanto, do ver" (LESSA, 2005, p. 47). Essas representações podem ser também observadas em outras mídias, como por exemplo, no filme *Uma linda Mulher*, versão contemporânea dos clássicos Cinderela e Pygmalião (GIROUX, 2013). Para o autor, a Disney tenta negociar a relação do poder patriarcal (homem empresário) com o papel ativo de uma nova mulher (prostituta) que passa a exercer uma liberdade reduzida à compra de roupas da moda, para se enquadrar à mulher-objeto de seu homem.

A terceira categoria **A mulher dona de si e o homem em conflito**, coloca em cheque essa ordem das identidades de gênero e sexualidade em que o homem é o dominador e a mulher é a dominada. Aqui, essa mulher chamada por Alves (2014) de pós-mulher é dona de si, que independe do homem. Ela não precisa dele para se divertir ou de sua permissão para frequentar lugares antes proibidos, ela conquistou seu espaço social, e também dominou seu lugar de mulher independente no relacionamento. Essa mulher não precisa mais obrigatoriamente casar e ser mãe para ser vista como mulher. Elas manifestam seu poder pela produção corporal que tanto enlouquecem os homens, mas já

não são mais o alvo de sua beleza, já que elas se produzem para si e não mais para o outro. [...] “Elas se utilizam da construção corporal para subverterem a ‘ordem masculina’, bem como o poder do macho” (ALVES, 2014, p.96). Agora elas buscam ter voz e domínio sobre seus próprios corpos, negociam espaços e resistem à ordem.

REPRESENTAÇÕES DE HOMENS E MULHERES PROPOSTAS POR MÚSICAS SERTANEJAS: ANÁLISE DOS DADOS

A primeira música que selecionamos para análise refere-se a única letra que se manteve nos *ranking* do ECAD em âmbito nacional e regional que representa a seguinte categoria: **1)Homem dominante versus Mulher submissa**. Nessa composição musical é visível a alusão a uma mulher que pode facilmente ser conquistada desde que o homem siga algumas estratégias de dominação.

Os dez mandamentos do amor

Eduardo Costa (Dadá Di Moreno e Jeová de Carvalho)⁵

Os dez mandamentos do amor

*Para conquistar uma mulher
Tem que ter carinho, tem que ter jeitinho
Tem que dar aquilo que ela quer*

*Primeiro, tudo começa com a paquera
O seu olhar bem dentro do olhar dela
E com jeitinho lhe tire para dançar
Dance macio pra ela se aconchegar
Segundo, um papo para derrubar avião
Suavemente já pegando sua mão*

*Terceiro é um cheiro pra sentir o seu perfume
Olhando as outras pra ela sentir ciúmes
O quarto é brincar no escurinho*

⁵Esses são os compositores da música.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

*Ser o lobo mau e ela o chapeuzinho
O quinto tem que ser bem safadinho*

*Preste atenção agora ao sexto mandamento
Ela não vai te esquecer um só momento
Repita a dose se sentir que ela gostou
Na hora h, lhe chame de meu amor*

*Sétimo toque é lhe falar de paixão
Falar somente das coisas do coração
Oitavo mandamento, diz para jurar
Lhe ser fiel até a morte lhe levar
No nono você diz que vai voltar
Diz que amanhã vai telefonar
E o décimo
Deixa ela esperar*

O próprio nome da música remete-nos a uma concepção cristã ao referir-se aos dez mandamentos. Os Dez Mandamentos ou Decálogo, que se encontra no Livro do Êxodo, capítulo 20, versículos 2-21, é segundo a bíblia sagrada católica (BÍBLIA, 2002), um conjunto de dez leis reveladas a Moisés, um servo de Deus, que se incumbiu de passá-las a toda a comunidade. Esses mandamentos são as leis de Deus que o homem deveria seguir para atingir uma vida livre da escravidão e jamais poderia corromper ou ir contra algum desses princípios.

Seguindo a analogia dos “dez mandamentos do amor” apresentados pela música, o homem pode atingir seu objetivo, conquistar uma mulher realizando seus desejos. Facilmente conquistada essa mulher pode obedecer e esperar pelo tempo que ele quiser.

De acordo com Lessa (2005) e Alves (2014) a representação social da mulher é construída com base em estereótipos. Na música “Os dez Mandamentos do Amor” identificamos a representação de mulher construída a partir do olhar do homem, ou seja, a mulher pode ser conquistada e facilmente descartada em apenas dez passos. A música explicita uma submissão feminina ao homem, sendo os comandos facilmente obedecidos. Além disso, anuncia o que é preciso para conquistar uma mulher “tem que ter carinho, tem que ter jeitinho tem que dar aquilo que ela quer”. Os mandamentos dessa conquista estão ancorados em uma suposta cordialidade de carinho, amor e fidelidade para garantir o sexo como trunfo desejado, posteriormente apresenta-se a promessa de retorno e finalmente o descarte do “objeto” mulher.

De acordo com Chaves e Silva (2011, p. 300) analisar as representações sociais “é identificar a ‘visão de mundo’ que os indivíduos ou grupos têm e empregam na forma de agir e se posicionar”. Ao anunciar o que é preciso para conquista uma mulher, a música representa uma visão de mundo que é

disseminada, avaliada e aprovada por determinados grupos sociais. Podemos nos questionar: como são constituídas estas representações? Recorremos à Laqueur (2001) ao mencionar que desde a antiguidade era nítida a hierarquia do masculino, Aristóteles, por exemplo, afirmava que a geração de homens estava ligada à forma, enquanto as mulheres à matéria, sendo um curso natural os homens serem ativos e as mulheres serem passivas.

Desde 1949, Simone de Beauvoir (1980) já nos propunha que não se nasce mulher, mas que se aprende a ser mulher nas e pelas práticas sociais, o mesmo acontece com a identidade do homem. A construção social assinalada por Beauvoir (1980) pode ser evidenciada nas músicas sertanejas em análise, nelas sugere-se que a mulher seja meiga, inocente e goste de carinho. E o homem é apresentado como viril conquistador e que precisa mostrar constantemente a sua masculinidade, como evidenciado pela música supracitada “ser o lobo mau”. Nessa mesma direção a música a seguir expressa como a mulher deve ser, estar e se cuidar para o “seu” homem.

Até o dia clarear⁶

Michel Teló (Michel Teló)

*Ela anda de carro importado
E eu aqui esperando a carona
Mas eu sei que eu sou seu príncipe encantado
Meu sorriso te apaixona
Eu torrando no busão, tá lotado
Hora dessa ela tá no spa
Fazendo o cabelo, cuidando da pele
Pra mais tarde me encontrar
Fazer o que se o que ela gosta
Só eu quem sabe dar
Do jeito gostoso, meio carinhoso, pego no seu cabelo
Te puxo, te arranho, te ganho, te assanho
Beijo teu corpo inteiro
Do jeito gostoso meio carinhoso, pego no seu cabelo
Te puxo, te arranho, te ganho, te assanho
Beijo teu corpo inteiro*

⁶ Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/michel-telo/ate-o-dia-clarear.html#ixzz3bAbeMjAM>

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

A ideia que perpassa no trecho: *Hora dessa ela tá no SPA,/ fazendo o cabelo, cuidando da pele /, pra mais tarde me encontrar/* sugere a ideia de que a mulher precisa e deve se arrumar e se produzir para encontrar seu parceiro que precisa da mulher para ser anunciada como um troféu ao seu lado. A música ainda insinua que a mulher aceita essa condição de dominação: *Fazer o que se o que ela gosta/ Só eu quem sabe dar/ Do jeito gostoso, meio carinhoso, Pego no seu cabelo/ Te puxo, te arranho, te ganho, te assanho/ Beijo teu corpo inteiro/ Ai, cê sabe onde isso vai dar/ Ai, até o dia clarear/.*

Ao encontro do que menciona Bourdieu (2003) a dominação masculina produz as mulheres e o campo feminino como objetos simbólicos, dessa maneira, com o poder sobre elas, os homens podem colocá-las em constante estado de dependência e insegurança. Assim, exigem por meios dos mais variados discursos, assim como as músicas supracitadas, que as mulheres sejam sorridentes, simpáticas e acatem facilmente os desejos de seus parceiros.

Como o nosso foco de análise são as músicas sertanejas da região noroeste, selecionamos outras músicas mais tocadas nas Rádios Maringá FM e Rádio T em que evidenciamos a segunda categoria.

2) A mulher como objeto do homem

Turbinada

Zé Ricardo e Thiago (Raynner Sousa/Roberto Sampaio/Marcos Garcia)

*Eu chamei meu amigo e disse pra ele
Essa que eu vou pegar!
Quando eu vi, eu já tava puxando seu braço
E tome, tome amasso
Meu Deus do Céu!
Nossa! Eu acho ela top
Nossa! Eu acho ela boa demais
Tá doido, é a mais gostosa
Turbinada na frente e atrás*

Nesta outra música escolhida, “Turbinada”, também temos o papel do homem como dominador da mulher submissa, que é representada apenas como um objeto sexual. Destacamos também que em determinado trecho da canção, é deixado claro ao ouvinte que a mulher tem que ser

“gostosa e turbinada”. Lessa (2007) em sua pesquisa sobre mulheres nos *outdoors* evidencia como a mulher é representada por fragmentos de seus corpos. Geralmente há ênfases nos seios e nos glúteos fartos, cintura fina e quadris largos, o mesmo estereótipo observado na música sertaneja “Turbinada”. Ainda nessa música, nota-se o papel do homem dominador e da mulher submissa, que é representada apenas como um objeto sexual. Essa divisão de homem e mulher é intensificada pela música, uma vez que, reforçam esses estereótipos de gênero e coisificam as mulheres. De acordo com Lessa (2005, p.63) “A coisificação das mulheres é a ferida exposta do patriarcado, da polaridade e hierarquia sexual e, portanto, da submissão feminina”. Sendo assim, o discurso da mulher como objeto denota ainda mais seu estado de submissão ao masculino, antes pela figura do pai e depois pelo companheiro.

Outra música, presente no *ranking* da região investigada, coloca a mulher em situação de dependência, domínio e objeto do homem. É a seguinte.

Bobeia pra ver⁷

Fernando e Sorocaba (Sorocaba/Caio Nogueira)

*Ei, você que acha que eu sou louco, sou safado
Eu tava meio bebo, tava meio emocionado
Mas eu sou um anjo, anjo
Bobeia pra ver que eu te faço um estrago
Só porque eu te puxei pelo braço
Agarrei no seu cabelo e te dei um abraço
E falei baixinho no seu ouvidinho
Vamos lá pra casa que eu faço gostosinho
Tava tonto demais, nem percebi
As amigas dela tão rindo
Será que é de mim?*

Nessa música além do sexíssimo que expõe a mulher como objeto de desejo, temos a violência física e moral contra a mulher. Ela que pode ser abordada de qualquer forma - *te puxei pelo braço, agarrei no seu cabelo e te dei um abraço* - e deve compreender e aceitar o fato do homem estar alcoolizado. Em contrapartida a isso, Scott (1995) salienta que é preciso romper com essa ideia entre

⁷ Disponível em Link: <http://www.vagalume.com.br/fernando-e-sorocaba/bobeia-pra-ver.html#ixzz3bAb69LtA>

homem dominante e mulher dominada. Compartilhando assim dos estudos de Derrida e Foucault, que nos traz a ideia de que o pensamento moderno é marcado por dicotomias. Assim, é preciso, segundo Louro (1997, p. 31) “desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significaria problematizar tanto a oposição entre elas quanto a unidade interna de cada um”.

O homem é visto como proprietário da mulher, capaz de proporcionar a ela o que ela “deseja” por estar ocupando o mesmo espaço que ele (a balada). A mulher é vista como um objeto sexual e de desejo para o uso e satisfação pessoal do homem, não importando, muitas vezes, se a mulher aceita ou não suas investidas. Como salienta o trecho da canção, “*bobeia pra ver que eu te faço um estrago*”. Tais músicas evidenciam e corroboram com a representação do homem como proprietário da mulher. São representações como essas que naturalizam as violências contra as mulheres, afinal, ouvimos todos os dias essas músicas que circulam nos mais variados espaços.

Em contrapartida a esses discursos, temos a música abaixo, também presente no *ranking* das rádios locais, que, no entanto, não se mantém por muito tempo. Essa canção elucida uma terceira categoria, que destoa das anteriores:

3) Mulher dona de si.

Gota d'água

Naiara Azevedo (Naiara Azevedo)

*Foi à gota d'água acabou
O mundo deu a volta e esse jogo virou
E na noite eu vou sair
Vou dar beijo na boca
E eu to pirando sem noção
Meu destino eu não sei não
Feliz agora eu tô
A gota d'água acabou*

Nesse trecho da canção, a mulher é retratada como independente e dona de si, parece ter colocado fim a um relacionamento e apresenta não ter motivos para lamentar e ficar em casa, não tem a necessidade de implorar pelo retorno de seu parceiro. Essas características destoam das categorias **1) mulher submissa** e **2) mulher objeto** apresentadas pelas músicas anteriores. Emerge outra categoria **3) mulher dona de si** que vive para si e não para o outro. Principalmente no trecho que relata “*na noite eu vou sair, vou dar beijo na boca [...] feliz agora eu tô*”.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

Essa categoria converge com análises realizadas no livro Pós-mulher: corpo, gênero e sedução de Fábio Lopes Alves (2014) em que a mulher se produz para sair a noite, na balada, com intuito de agradar a si mesma, sem se preocupar com a imagem a qual deve se submeter socialmente, uma vez que é na noite que ela pode ser ela mesma e já não está mais presa aos papéis sociais que o dia a obriga. Ainda que seja uma independência condicionada a determinantes sociais, afinal, a mulher no trabalho, por exemplo, não pode usar brincos grandes, maquiagem forte, salto exagerado, roupa curta e justa, nasce outra mulher, a pós-mulher. De dia a mulher ainda se submete a ser a mulher que a sociedade patriarcal a obriga, mas a noite na escuridão dos olhos dos outros ela pode ser ela mesma.

Para Louro (1997), a sociedade atual é marcada por inúmeras lutas das mulheres por um espaço social e político, como a chamada Primeira onda do Movimento Feminista. No entanto, as lutas não eram apenas por um pequeno espaço na sociedade, debates teóricos sobre gênero já fumegavam desde a década de 1960.

O discurso que predominava naquela época e que ainda tem fortes raízes em nossa sociedade é a diferenciação binária entre os sexos. Essa diferenciação biológica entre homem e mulher faz com que aprendamos desde crianças que existem diferenças cruciais entre os gêneros. Diferença essa que oferece ao homem o papel de ser forte e dominante e à mulher de frágil e submissa.

Segundo Louro (1997, p.21)

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas é que vai constituir efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Sendo assim, não são apenas os órgãos sexuais que nos diferenciam, mas também a representação que se faz destes órgãos em nossa sociedade. Por meio da naturalização dessas representações há uma padronização acerca do que deve ser masculino ou feminino produzindo uma normatização sexo-gênero-sexualidade. Como explicita França (2014), sexo refere-se às características físico-biológicas, como os órgãos sexuais que definem os sujeitos como machos ou fêmeas, enquanto gênero representa as condições sociais de identificação social e corporal com as características de masculinidade e/ou feminilidade e suas variantes como travestismo, androginia, dentre outras. Já a

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

sexualidade está relacionada ao direcionamento do desejo do sujeito enquanto orientação sexual que o representa como heterossexual homossexual e bissexual (LOURO 1997).

Nesse sentido, o gênero representa a produção de feminilidades e masculinidades voltadas à identidade do sujeito que vai para além de uma mera representação de papéis sociais. O que nos faz perceber então que o gênero está em constante construção assim como a identidade sexual e de gênero do sujeito.

Louro (1997, p.27) nos explicita que:

Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres, etc.). O que importa aqui considerar é que tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento.

Sabemos então, a partir dessa contribuição da autora, que as identidades estão em constante construção mesmo em períodos históricos em que essas discussões não eram feitas. O fato é que séculos depois, em nossa sociedade ainda nos deparamos com a normalização dos sexos, do gênero como masculino ou feminino amparado por uns discursos sexistas, que são produzidos por uma série de representações, dentre elas as próprias músicas sertanejas aqui analisadas. Esses modos impõem ações, representações, regras à formação das identidades dos sujeitos, que como nas músicas expressam representações do homem em lugar de rei e a mulher como apenas mais uma concubina.

Desse modo, é preciso problematizar e discutir essas representações. A música abaixo apresenta novos posicionamentos, de uma mulher poderosa, “dona de si”. A música é narrada por homens que analisam essa pós-mulher como maluca e linda, poderosa e “*na pista pra negócio*”. Tais representações elucidam um homem em conflito, sem saber ainda como lidar com o “*tipo de mulher independente*”. Tais representações provocam ainda muitas resistências e estranhamento tanto pelos homens como pelas próprias mulheres.

Imagina com as amigas

Bruninho e Davi⁸

*Ela é maluca, é linda e sabe que é gostosa
Que me olha, me encara
É super poderosa
Ela sabe que leva qualquer homem pra cama
E só diz que ama pra tirar onda de bacana
Solteira, sozinha
Na pista pra negócio
Tá de boa, soltinha
Não tá querendo sócio
Ela é tipo de mulher independente
Que não pede carona e nunca vai dormir carente
Mas quando ela Arma saída
Pega o telefone e liga pra umas cinco amigas
É tudo combinado lá no esquenta
Tudo preparado, isso aí vai dar problema
Se ela sozinha já é um perigo
Imagina com as amigas
Separa que é briga
Se ela solteira já é um perigo
Imagina com as amigas
Separa que é briga*

Como salienta Alves (2014), a mulher dona de si não precisa de parceiro para se divertir na noite, ela se produz para si e é independente. Mesmo tentando sair da sombra do homem a mulher ainda é sinônimo de estranhamento quando tenta escapar dos estereótipos de feminilidade, doçura e submissão ao masculino.

Segundo Swain (2009), as mulheres são vistas automaticamente como pertencentes mercadorias de um ou de todos. Seguindo esse pensamento da autora conseguimos perceber a violência sexual contra as mulheres de nossa sociedade. Uma vez que a mulher não pode ser vista desacompanhada, como destacado na música supracitada, há um estranhamento do homem que logo a relaciona como mulher carente, que precisa de homem. E se, essa mulher está à noite em uma balada e bebendo é por que ela está procurando um parceiro. Ela é vista como uma mulher capaz, disposta e disponível a tudo e a todos.

⁸ Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/bruninho-e-davi/imagina-com-as-amigas.html#ixzz3bAChXMGb>

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

A linguagem veiculada pelas músicas sertanejas reforça a construção de identidades dos sujeitos que por meio do poder enaltecem o dominador (homem) e excluem o dominado (mulher). De acordo com Giroux (2013, p.92): “O vínculo entre linguagem e construção de identidades individuais e sociais é evidente, por exemplo, na forma pela qual a linguagem é usada para privilegiar representações que excluem grupos subordinados”. Deste modo a mulher sempre fica a margem do discurso das músicas sertanejas aqui abordadas, como subordinada e inferior ao homem, mesmo quando assumem outros espaços, considerados domínio do homem.

Esse pensamento ainda padronizado e normatizado reverbera os índices grosseiros de estupro e violência contra as mulheres, sobretudo, em festas noturnas. A mulher embora tente constantemente se livrar da rotulação de objeto sexual dos homens ainda sofre com a violência, muitas vezes silenciadas por serem vistas como as culpadas por “estarem ali”, ou por “se vestirem assim”. E notamos mais uma vez a culpabilização social da vítima, a mulher!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa conseguimos compreender por meio do levantamento das músicas sertanejas mais tocadas nas rádios da região noroeste do estado do Paraná, a forma como as identidades de gênero são produzidas como pedagogias culturais. Por meio de três categorias: 1) Mulher submissa, 2) Mulher objeto e 3) Mulher dona de si, explicamos a representação de mulher que essas músicas elucidam, reproduzindo identidades ideológicas de gênero.

A primeira categoria elucida a representação de uma mulher manipulável aos desejos masculinos, capaz de obedecer a todas as suas ordens. A segunda categoria refere-se à mulher objeto de desejo, descartável após o uso. Já a terceira categoria nos faz refletir sobre as duas anteriores. Nessa categoria a mulher esboça uma independência, uma tentativa de libertação do homem, sendo ela a dona de si e do relacionamento, optando por relacionar-se ou não. O que causa estranhamento entre os homens que não admitem que a mulher não se sujeite mais aos seus desejos sociais e sexuais. Socialmente acredita-se que não pode ser dela o papel de comando da relação, não é ela quem escolhe, e sim ele. Se ela não é de um homem, então ela pode ser de todos. Ainda temos estatísticas de violência sexual contra as mulheres que aumentam a cada ano, principalmente nos casos de abusos em casas noturnas.

Encontro Anual de Iniciação Científica da Unespar

As mulheres ao se vestirem com roupas curtas e justas são vistas pelos homens e também pelas outras mulheres como um objeto de prazer sexual, e que por isso devem aceitar os comandos de seu parceiro, inclusive o abuso sexual, que é caracterizado como culpa da mulher que não soube “se cuidar”.

Sendo assim, percebemos que as músicas sertanejas evidenciam em seu texto representações de mulher objeto e de submissão à mulher deste século, todavia, há uma nova categoria emergente, a pós- mulher, que busca conquistar seu espaço na sociedade como independente e dona de seus desejos. Ainda assim, é alvo de muitas críticas por fugir da norma: mulher submissa, frágil, dona de casa e mãe. A pós-mulher se descobriu como mulher e precisa ainda de muitas outras resistências e estratégias para dominar o seu espaço.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio Lopes. **Pós-Mulher: corpo, gênero e sedução**. Curitiba. Editora: Champagnat, 2014.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ECAD, Escritório Central de Arrecadação e Distribuição. Disponível em: www.ecad.org.br. Acesso em 12 jan 2015.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio e capitalismo no Brasil: uma abordagem histórica. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. **16º Encontro Anual**. Curitiba, 14 jun. 2007. 14f. Texto apresentado no Grupo de Trabalho Economia Política e Políticas de Comunicação.

FRANÇA, Fabiane Freire. **Representações sociais de gênero e sexualidade na escola: diálogo com educadoras**. 2014. 186 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2014.

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

GIROUX, Henry.A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LAQUEUR, Thomas. W. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LESSA, Patrícia. O corpo em pedaços: análise do discurso sobre as mulheres nos outdoors. In: **Mulheres à venda uma leitura do discurso publicitário nos outdoors**. Londrina: Eduel, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, Liliâne. Heroínas de celulose: uma abordagem interdisciplinar do cinema de animação. **Labrys, Estudos Feministas**, n. 12, jul.-dez. 2007. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys12/livre/liliane.htm>>. Acesso em: 25/5/2008.

RAEL, Cláudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira Lopes. *et al.* (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

SWAIN, Tania Navarro. **Os limites do corpo sexuado: diversidade e representação social**. Curitiba: SEED-PR, 2009.

Músicas disponível em:

<http://www.vagalume.com.br/naiara-azevedo/gota-dagua.htm>

<http://www.vagalume.com.br/michel-telo/ate-o-dia-clarear.html>

<http://www.vagalume.com.br/ze-ricardo-e-thiago/turbinada.html>

<http://www.vagalume.com.br/eduardo-costa/os-10-mandamentos-do-amor.html>

**Encontro Anual de Iniciação Científica
da Unespar**

|